

CRÍTICA LIVRO | OS ANOS
POR OLGA DE MELLO - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Uma leitura lenta,
outra breve

Comecei a ler “Os anos” (Fósforo, R\$ 75,90), de Annie Ernaux em 2022. Ainda não acabei. Prezo particularmente dois dos direitos inalienáveis do leitor, segundo Daniel Pennac: não ter a obrigação de terminar um livro e pular os trechos que bem entender. Li diversos livros de Ernaux, rapidamente. Todos curtos, tudo dentro da classificação de “autoficção”. “Os Anos” é diferente. Sorvo aos pouquinhos, reflito, deixo ao lado da cama. Tem muito de sua trajetória, claro, porém, é um livro planejado, daqueles que dão trabalho ao autor.

Não que a nobelizada Ernaux seja relapsa nas digressões em torno de sua vivência. Ao contrário, a autoficção permite ao autor manter-se à parte do leitor, colocar sua experiência sem admitir o personalismo. Onde, afinal, começa o universo fictício, onde se localizam as memórias, o testemunho, a admissão?

“Os anos” se investe de mais universalidade para relatar não somente as experiências da autora, mas as transformações da sociedade



Fotos Divulgação

Em “Os Anos”, de Annie Ernaux, é difícil discernir onde começa o universo fictício

francesa no pós-guerra. O uso da primeira pessoa do plural para apresentar os acontecimentos concede uma voz abrangente ao narrador, mas não o aproxima do leitor. “Nós” distancia quem lê de quem conta a história, ainda que, simultaneamente, reivindique a legitimidade

de falar por um grupo geracional da infância à maturidade. Em alguns momentos, “nós” são as crianças que mostram suas prendas, recitando ou cantando, para o grupo de adultos. Adiante, o pronome pode ser abandonado para relatar episódios particulares, geralmente tendo como

protagonista uma mulher. “Nós” vai então representar os que descobrem a liberdade de viver depois de uma infância temerosa da morte iminente durante a guerra na Europa. Penicilina, anticoncepcionais oferecem experiências que obedecem apenas às vontades individuais, quando

acaba a época em que a vergonha “era uma assombração na vida das mulheres”, cujas histórias de amor, até chegar o casamento, “aconteciam escondidas do controle e julgamento dos outros”. Ernaux tinha mais de 60 anos quando lançou “Os anos”, depois de outros curtos livros autobiográficos, ainda engatinhando na autoficção, que hoje, em época de imensa autoexposição pessoal, ganhou diversos praticantes.

Foi assim que classificaram o primeiro e premiado livro do francês Anthony Passeron, “Os Meninos Adormecidos” (Fósforo, R\$ 65,90), que entrelaça os avanços da medicina no tratamento da Aids com as recordações de seu boêmio e dependente químico tio Desiré, abordando ainda a marginalização dos infectados nos anos 1980. Na pequena cidade onde moravam, a Aids se espalha entre os grupos de jovens permanentemente drogados, os “meninos” do título. O charmoso Desiré casa-se com outra soropositiva. Depois da morte do casal, a filhinha também padece com Aids até falecer, criança. Ainda que melancólico, Passeron aponta um futuro melhor no enfrentamento do desconhecido – sejam vírus ou problema sociais.

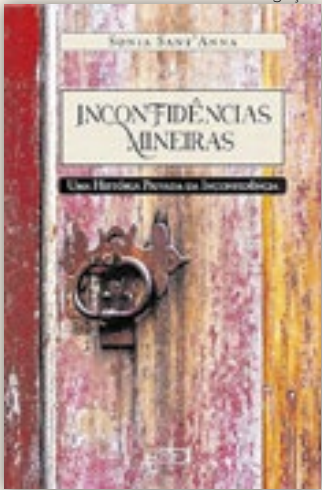
Já Annie Ernaux, na maturidade, inicia “Os Anos” afirmando: “Todas as imagens vão desaparecer”. Na conclusão, ela sofre com a finitude das recordações, admitindo o quanto gostaria de “salvar alguma coisa deste tempo no qual nunca mais estaremos”.

NA ESTANTE

POR OLGA DE MELLO

INCONFIDÊNCIAS MINEIRAS

Este romance histórico com um carinho de família ganha nova edição revista pela autora Sonia Sant’Anna, descendente direta de Iria, irmã mais moça de Bárbara Heliadora. Mulher à frente de seu tempo, Bárbara viveu maritalmente com o inconfidente Alvarenga Peixoto antes de se casarem e deixou uma consistente obra poética. Foi ainda a primeira mulher a participar de um movimento revolucionário, posicionando-se contra os impostos cobrados por Portugal pela retirada de minério de Minas Gerais. As histórias dos outros inconfidentes, entre eles o alferes Joaquim José da Silva Xavier, o poeta Tomás Antônio Gonzaga, também são contadas pela ótica das irmãs. (Ibis Libris, R\$ 50)



Divulgação

TUDO VAI FICAR BEM

A recomposição de uma família formada por mãe, filha, netas e padrasto pode ter formatos inesperados para quem sobrevive à matriarca, que padece de uma longa enfermidade. A filha, Lila, autora de um livro sobre a manutenção de um casamento sólido, é abandonada pelo marido logo após o lançamento. Seu pai biológico reaparece depois de trinta anos, querendo reatar os laços com o grupo. Enquanto as netas se aproximam do avô, o padrasto de Lila, hospedado na casa delas, decide reformar o jardim e fortalecer sua posição na família. A obra da veterana Jojo Moyes, dá um novo alento à chick lit, com humor, melancolia e uma reinterpretação da felicidade perene. (Intrínseca, R\$ 64,90)



Divulgação

OS AFOGADOS E OS SOBREVIVENTES

Questionamentos sobre a falta de reação dos judeus diante de processos injustos ou circunstanciais que levariam ao extermínio de cerca de seis milhões de pessoas tendo como base sua etnia, na Segunda Guerra Mundial, estruturam a obra de Primo Levi. Por que não houve fugas ou rebeliões nos campos de concentração, apenas os nazistas devem ser considerados culpados pela perseguição aos judeus ou a intolerância é parte da humanidade, indaga Levi, ele próprio levado para Auschwitz, em 1944. Uma atemporal reflexão sobre a barbárie, que ganha nova edição em uma época de intensas conturbações sociais. (Paz e Terra, R\$ 53,90).

